FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.760 TERÇA-FEIRA, 7 DE SETEMBRO DE 2021 R$ 5,00

Bolsonaro aposta em atos golpistas

Para enfrentar crise política, presidente tenta provar capacidade de mobilizar apoiadores com discurso antidemocrático

EDITORIAL

Bolsonaro é o perdedor

Nenhuma imagem de hoje mudará o apoio da imensa maioria do país à democracia

Paira no ar um frisson, de certa forma compartilhado por bolsonaristas e antibolsonaristas, sobre qual será a imagem de maior impacto no período de 7 a 12 de setembro —vale dizer, a foto com mais manifestantes, como se isso retratasse a maioria dos brasileiros.

Trata-se de um equívoco flagrante.

A ciência da pesquisa, como no levantamento conduzido pelo Datafolha em junho de 2020, mostra que a maioria esmagadora de 75% dos brasileiros é favorável à democracia —e que para 78% o regime militar foi uma ditadura da qual não há saudades.

Não importa o quão fanaticamente os bolsonaristas apoiem seu chefe e o quanto os opositores estejam menos mobilizados ainda em respeito à crise sanitária; nada muda o fato de que Jair Bolsonaro erra, mais uma vez, ao apoiar atos golpistas repudiados pela imensa maioria que não irá às ruas.

Repudiados também pelos setores organizados da sociedade que, a despeito de preferências e interesses heterogêneos, compreendem que só o ambiente de livre manifestação do pensamento e respeito ao Estado de Direito permite a apresentação de demandas e a busca por justiça e prosperidade.

Tal entendimento se espelha na representação política. Entre governadores, prefeitos e parlamentares inexiste massa crítica a encorajar ensaios de ruptura. A sustentação fisiológica ao governo no Congresso não faz mais do que levar adiante projetos econômicos e evitar o impeachment.

As instituições, ainda que imperfeitas, se encontram amadurecidas por mais de três décadas de democracia —o período mais longo de normalidade na história republicana— e consolidação dos freios e contrapesos a serem respeitados por todos os Poderes.

Está claro para todos que o alarido provocado por Bolsonaro deriva de sua incapacidade de governar e da perspectiva de ser mandado para casa pelos brasileiros em uma eleição livre e justa, como têm sido todos os pleitos realizados no país.

O mandatário usa a data nacional para uma demonstração de suposta força. Conta, não é novidade, com o apoio de parcela minoritária, mas ainda expressiva, do eleitorado. Mas só aprofundará seu fracasso ao insistir na arruaça e na truculência golpista.

Bolsonaristas deixam faixas na Praça dos Três Poderes, Brasília, antes de atos Pedro Ladeira/Folhapress

AMEAÇA AUTORITÁRIA

Principal estrela das manifestações de viés golpista convocadas para hoje, o presidente Jair Bolsonaro precisa projetar força após sucessivas notícias negativas para o governo.

Ao mesmo tempo em que perde capital político com seu acirramento contra as instituições, sobretudo o Judiciário, a alta da inflação e a crise energética se colocam como novos obstáculos para o projeto de sua reeleição em 2022.

Nesse quadro, os protestos do 7 de Setembro se converteram na oportunidade para que o presidente mostre ser capaz de mobilizar as ruas. Aliados dizem que os atos devem marcar um "tudo ou nada" para o presidente.

Um comparecimento aquém do desejado reforçaria a percepção de que Bolsonaro tem cada vez menos condições de viabilizar sua campanha para 2022, o que impulsionaria a oposição. Se for bem sucedido no seu objetivo de mobilizar a população, o presidente espera sair das cordas.

Em Brasília ontem, manifestantes seguraram faixa em frente ao Supremo Tribunal Federal e ao Palácio do Planalto cobrando um golpe de Estado: "Presidente Bolsonaro, acione o Exército para destituir o STF e o Congresso".

De manhã, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL) desceu a rampa do Planalto para encontrar manifestantes que gritavam "Supremo é o povo". Ele fez um sinal de arma com as mãos e foi embora. Poder A4

Feriado em SP terá reforço no metrô e revista em protestos A8

Ilustrada C3

Belmondo morre aos 88

Astro da nouvelle vague e ator-fetiche de Godard virou mito

Jean-Paul Belmondo, astro de 80 filmes, em 1973 AFP

Esporte B6

Em campo com veto

Saúde negou aval para argentinos a 51 minutos do jogo

Pelé retira tumor no cólon em SP e se recupera em UTI

Esporte B6

Caravana para atos tem hinos, ódio a Moraes e desdém a vírus

"Bom dia. Lembrando que é preciso máscara, mas para as paradas, viu? No ônibus, podem ficar à vontade", recomendou Lucinha Ramiro, 60, aos 90 militantes da caravana que seguiria de São Paulo a Brasília para os atos do 7 de Setembro.

A trupe era um resumo do atual bolsonarismo: evangélicos, ex-esquerdistas, empresários vociferando contra corrupção, defensores do tratamento precoce para Covid e saudosistas da ditadura, relatam **Fábio Zanini** e **Vinicius Martins**. Poder A12

Vera Iaconelli

O medo do pai e outros fantasmas

Neste 7 de setembro, testemunharemos os efeitos deletérios da recusa em encarar fantasmas de sexualidade, amor e agressividade. Eles desfilarão pelas ruas provando que a alienação não é só questão individual. Cotidiano B3

MP dificulta excluir perfil ou post de rede social

Jair Bolsonaro assinou ontem medida provisória que limita o poder de provedores de tirar publicações ou perfis do ar, alterando o Marco Civil da Internet.

Algumas publicações do presidente e de seus apoiadores foram excluídas das redes sociais durante a pandemia da Covid-19 por desinformarem sobre a doença. Poder A6

Filme de 1968 é alegoria de atual crise democrática

As ameaças autoritárias do presidente Jair Bolsonaro conferem vitalidade a "Hitler 3º Mundo", de José Agrippino de Paula. Filme foi rodado em pleno AI-5 como alegoria do nazifascismo submerso na sociedade brasileira. Ilustrada C1

Para auxiliares de Guedes, Planalto entrava retomada

Integrantes do Ministério da Economia avaliam que a beligerância do presidente Jair Bolsonaro tem criado obstáculos para a agenda econômica e a eventual retomada ao pôr em dúvida o funcionamento das instituições. Mercado A15

ENTREVISTA

Marcos Nobre

Não haverá golpe, mas preparação

O presidente do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento diz que Jair Bolsonaro não dará um golpe neste 7 de setembro, mas vê atos como preparatórios da ruptura. Poder A10

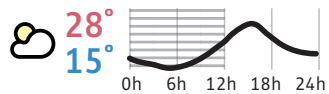
Fabio Wajngarten

Presidente não se abate nem vacila sobre ideias A3

ISSN 1414-5723

9 771414 572032 33760

ATMOSFERA

São Paulo hoje

EDITORIAIS A2

Brasil, 199

Sobre momento difícil na data da Independência.

Vexame em campo

Acerca de polêmica na partida contra a Argentina.

Governo deve queimar R$ 243 mi em vacinas e remédios vencidos

Cotidiano B1